

# PÓVOA DE VARZIM

BOLETIM CULTURAL



VOL. III

1964

N.º 1

EDIÇÃO  
DA  
CÂMARA MUNICIPAL

## Santos Graça e a nossa moderna Literatura Marítima

por FLÁVIO GONÇALVES

A literatura portuguesa de feição marítima, tão importante na era de quinhentos e ainda no século seguinte, começou a agonizar com a perda do nosso domínio dos mares. Não que a História Trágico-Marítima tivesse terminado quando os outros povos nos seguiram no encalço, ou quando, enfim, nos desiludimos do negócio da Índia; o que nos faltou, dos fins do século XVII em diante, foi quem se encarregasse de descrever as aventuras e naufrágios dos nossos barcos, que entretanto continuaram em actividade, agora sobretudo no Atlântico.

Por certo que a moderna poesia portuguesa de novo encontrou no Mar um forte motivo de inspiração. Na prosa, porém, as narrativas marítimas, quer baseados em factos autênticos, quer produzidas pela imaginação, de há muito que se tornaram esporádicas, raras mesmo (pelo menos aquelas a que se pode atribuir um valor literário). Livros como *Fogo no Mar*, de João Falcato, ou *Epopéia dos Humildes*, de António Santos Graça, constituem, por isso, casos excepcionais. João Falcato a evocar um drama da navegação de longo curso, e Santos Graça a dizer-nos da odisseia dos pescadores da costa, deram-nos, porventura, as páginas mais emotivas da nossa literatura marítima contemporânea.

António Santos Graça não foi marinheiro. Não sofreu sequer uma aventura idêntica à do autor do *Fogo no Mar*. Mas conheceu, como ninguém, a vida dos pescadores poveiros e a sua luta constante com as ondas. Ele próprio, aliás, era de família de pescadores — os *Amarelos*. Cresceu junto à praia, brincando entre os barcos e ouvindo histórias de bruxas e de naufrágios. Cedo se habituou aos costumes da classe, aos seus heróis humildes, à angústia sempre suspensa dos que partiam e dos que os ficavam esperando. Nos olhos, no sangue, no coração, tudo se lhe gravou com nitidez. Mais tarde, levado pelo destino a outros trabalhos, havia de des-

crever magnificamente este mundo de tragédia que os seus companheiros repetiam de geração em geração.

A fim de lhe evitar o futuro árduo, o pai de Santos Graça pô-lo, ainda rapaz, a servir no comércio. Por si, então, se elevaria, transformando-se numa das figuras principais da vila. Contudo, jamais esquecerá a sua origem. Animado, primeiro, por Rocha Peixoto, depois por Leonardo Coimbra, começou a recolher notas sobre os usos e tradições dos pescadores poveiros, tradições que o tinham embalado em criança e que, com mágoa, via desaparecer. *O Poveiro* saiu em 1932 e foi uma revelação. Tal como sucedera com Silva Picão e Luís Chaves, a investigação folclórica trazia outro nome para o nível do esteticismo literário. Um escritor nascera da colmeia dos lobos do mar. Na verdade, e apesar da sua formação de autodidacta, Santos Graça mostrava-se n' *O Poveiro* dono dum estilo pessoal, cheio de vivacidade e de colorido — um estilo ágil, claro, contagiante. Se todo o livro possui um extraordinário interesse etnográfico, alguns dos capítulos contêm, formal-



António Santos Graça (1880-1956)  
(Fotografia tirada em 20-IV-1947)

mente, páginas encantadoras (lembro-me, ao acaso, das páginas que dedicou às superstições da gente da pescaria, ou daquelas em que evoca a safra do *Janeiro* e a relutância dos antigos pescadores em servirem na vida militar).

Depois d' *O Poveiro*, António Santos Graça publicou, ainda, outros estudos sobre os pescadores da sua terra. Só em 1952, quatro anos antes de falecer, a *Epopéia dos Humildes* rematou, num fresco impressionante, o melhor da sua bibliografia.

No género, a *Epopéia dos Humildes* é uma obra ímpar no panorama da nossa literatura moderna. Santos Graça deu-lhe um subtítulo: — *Para a História Trágico-Marítima dos Poveiros*; e não há dúvida que nesta glosa está expressa, inteiramente, a classificação do livro. Trata-se, com efeito, dum desfiar de episódios dramáticos, dum desdobrar de actos de coragem e de abnegação, que, praticados ou suportados pelos homens do mar da Póvoa de Varzim, parecem repetir no nosso tempo algumas das trágicas cenas outrora vividas pelos navegadores portugueses. São, afinal, as virtudes ancestrais a ressuscitarem em cada naufrágio das lanchas poveiras, e a vibrarem na pena do seu cronista. São as figuras célebres da antologia de Bernardo de Brito a encontrarem, em modestos pescadores, uma réplica também comovedora e imortal. Repare-se nesta página patética: «Duas lanchas, a do tio Praga e a do tio Jéque, caminhavam a par, apenas com uma *latina*, a caminho do norte. Tinham que seguir como Deus fosse servido, porque não havia força humana que as pudesse desviar do seu curso tempestuoso. Sem um minuto de descanso, os homens das companhias esforçavam-se para deitar fora a água, que as vagas alterosas teimavam em atirar para dentro das embarcações. Os mestres eram compadres e amigos. As companhias afoitavam-se mutuamente para não esmorecerem. Mas uma — a do mestre Jéque — pelas alturas de Espo-sende, encheu-se de água e soçobra; a outra tenta, mas não pode acudir-lhe. É o mestre da que naufraga que grita:

— «Não tentes o socorro, compadre, que morreis todos. Deus te guie e leve a salvamento! Leva o último adeus para nossas mulheres e nossos filhos! Até à eternidade, compadre!»

O velho mestre João Praga levantou a mão num gesto de despedida mas não respondeu. Duas lágrimas rolaram-lhe pela face — mas ninguém mais lhe ouviu uma palavra. Leme bem firme, todo o dia e toda a noite até ao alvorecer do dia seguinte, em que entrou em Vila Garcia, na Espanha. Salvou a companhia. Dois dias depois chegava à Póvoa, de comboio. Após a tragédia nunca mais comeu, nunca mais falou. Oito dias depois da sua chegada — morria! A Grande dor de não poder salvar — matou-o!...».

Que outras obras modernas falam assim dos nossos pescadores? Foi mais pungente, no século XVI, a separação dos irmãos Ximenes?

Servido pela sua prosa aparentemente singela, dum realismo instintivo, Santos Graça a todo o instante pinta quadros duma profunda humanidade. Estamos agora noutra naufrágio, com as vítimas tentando salvar-se, agarradas à borda do barco voltado. «Uns momentos depois» — contraria o Manuel *Carinhosa* — «vejo que alguém se agarrou às minhas costas e sinto-me ir para o fundo. Consigo dar uma volta rápida e brusca, a ver se me despego de quem me agarra. Vejo, então, na minha frente o Manuel «da Gorda», a quem aflitivamente suplico:

— O tio Manuel! Não se amarre a mim, que morremos os dois! Morre você e morro eu. Não me disse palavra e largou-me. Eu dei um impulso e desviei-me. Não olhei mais para trás, estarecido com o que se tinha passado e receoso de que desanimasse, se o visse ir para o fundo».

De homens como este Manuel «da Gorda», que na aflição do naufrágio preferiu deixar-se morrer a sacrificar o companheiro, é feita toda a galeria da *Epopéia dos Humildes*. O *Chião do Liro*, o António da Mata, o Patrão *Lagoa*, o Mestre Sérgio, o *Cego do Maio*, o Manuel *Liro*, os irmãos Ruins, etc. são figuras inolvidáveis da nossa tragédia e da nossa vocação marítimas. Uns morreram quando pretendiam salvar os companheiros, outros livraram da morte centenas de pessoas; todos foram heróis e generosos. Santos Graça arranca-os do fundo do mar, deixa que a memória ou o espanto falem, e entrega-nos os factos e os feitos como símbolos da raça. A *Epopéia dos Humildes* é um livro que se não consegue ler sem uma forte emoção.

Um ano passou sobre a morte de Santos Graça. É tempo, portanto, da sua obra começar a ser difundida como merece, impondo-se, para isso, a reedição dos seus livros, depressa esgotados. Que todos nós nos compenetrems desta tarefa — e a não esqueçamos.

*Diário do Norte*

Porto, 21-11-1957. pp. 8 e 10